

## A EDUCAÇÃO FEMININA CATÓLICA NO BRASIL-COLÔNIA

### *CATHOLIC WOMAN'S EDUCATION DURING COLONY - BRAZIL*

Myrian Lucia Ruiz CASTILHO<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** A Educação Feminina teve início no Brasil muito tempo depois de iniciada a sua colonização, através do mutualismo existente entre a Igreja Católica e a Oligarquia que se contrapunham às escolas públicas de baixa qualidade na época. O Conservadorismo é um traço do Colonialismo Escravista que temia a modernidade. A Oligarquia custeava os Colégios Católicos, onde as suas filhas estudavam.

---

#### **UNITERMOS**

Educação Feminina, Igreja Católica, Sociedade patriarcal, Oligarquia, Educação no período Colonial, Colonialismo, Conservadorismo, Colégios Católicos.

#### **ABSTRACT**

Woman's Education started in Brazil a long time after initiate its colonization beginning, through the existent mutualism between the Catholic Church and the Oligarchy that were opposed to low quality the public schools, at that time. The Conservativeness is a proslavery Colonialismo which feared modern age. The Oligarchy beared Catholich Churche's high School expenses where the rich man's daughters studied.

---

<sup>2</sup> Myrian Lucia Ruiz CASTILHO é Professora de História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade de Marília, mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação - UNESP - Marília – SP- Brasil.

### UNITERMS:

Woman's education, Catholic Church, patriarchal Society, Oligarchy, Education in the Colonial period, Colonialism, Conservativeness, Catholic Schools.

O valor educacional da sociedade brasileira, durante o período imperial, consistia em oferecer uma educação pobre aos filhos dos colonos e aos gentios com o propósito de conquistá-los para a fé cristã.

A Educação iniciou-se no Brasil com as escolas elementares. Para tanto criaram-se colégios para doutrinar os meninos. As meninas eram doutrinadas nas Igrejas.

Era ensinado às mulheres a sua sujeição à Igreja e ao marido, tornando-as submissas, com pouca ou nenhuma participação cultural, limitando-se a lavar, a coser e a outras obrigações do lar, sempre rodeadas pelos filhos e escravos, como se lê em Saffioti: *“O ideal da Educação Feminina no Império se resumia nas prendas domésticas. A obtenção da instrução pela mulher era considerada heresia social”*.<sup>3</sup>

A posição da Igreja Católica em relação à mulher, durante o período colonial era condizente com os interesses da ordem vigente, na qual ela aparecia como um ser inferior, completamente fora do desenvolvimento e evolução social.

Não se pode negar o empenho da Igreja em extinguir a concepção de que a mulher era submissa ao homem. Contudo, algumas encíclicas demonstram que este movimento não está tão claro.

No trato com a mulher, na encíclica *Rerum Novarum*, 1981, Leão XIII, no item 60 da parte III pode-se ler que : *“ (...) enfim, o que um homem válido na força da idade pode fazer, não será eqüitativo exigí-lo de uma mulher ou de uma criança. Trabalhos há também que não se adaptam tanto à mulher, a qual a natureza destina de preferência aos arranjos domésticos, por outro lado salvaguardam admiravelmente a honestidade e correspondem melhor,*

---

<sup>3</sup> SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes: Mito e Realidade*. Petrópolis : Vozes, 1976. p. 187.

*pela sua natureza ao que pede a boa educação e prosperidade da família (...)*”.

Como se lê acima, a encíclica destina, de maneira clara, a mulher como garantidora apenas da prosperidade da família.

Na encíclica *Quadragesimo Anno*, 1931, Pio XI, no item 71, do título pode-se ler: “ (...) *É justo que toda a família, na medida de suas forças, contribuía para o seu mantimento como vemos que fazem as famílias dos negociantes. Mas é uma iniquidade abusar da idade infantil ou da fraqueza da mulher(...)*” .

Neste texto de Pio XI a mulher não tem direitos à sua realização pessoal. Desta maneira, ainda que a independência da mulher seja uma necessidade, a Igreja não a reconhece.

Segundo Affonso Taunay : “ (...) *A mulher é a grande ausente da História do Brasil e de São Paulo (...)*”.<sup>4</sup>

Mesmo reconhecendo esta afirmação como verdadeira, pelos estudos historiográficos da mulher, deve-se reconhecer sua contribuição na formação da sociedade brasileira sem contudo não ser considerada um sujeito pensante e alvo de instrução.

No final do Brasil-Colônia, resolveu-se financiar escolas católicas para compensar as insuficiências das escolas públicas que não tinham a preocupação com o Conservadorismo. Todo o apoio era dado pela Oligarquia que se preocupava em manter suas filhas longe do feminismo e da profissionalização.

Como parte da tática Ultramontana, a Igreja aproveita-se da união Estado-Oligarquia e cria colégios masculinos e femininos. A predominância do conservadorismo da educação coordenada pela Igreja Católica durou 360 anos, sendo 259 anos com o monopólio dos jesuítas somado a mais de um século do Catolicismo Ultramontano.

Através da união entre a Igreja Conservadora e a Oligarquia com o aval do Estado, no período 1859-1959, houve a expansão da rede escolar católica no Brasil.

MANOEL<sup>5</sup> faz relatos das escolas católicas conservadoras das irmãs de São José de Chamberry que foram símbolos por constituírem a primeira rede escolar feminina católica em São Paulo

---

<sup>4</sup> TAUNAY, Affonso de E. *História da Villa de São Paulo no século XVIII*. 1931, p. 178

e no Brasil. esses colégios receberam benefícios da Oligarquia de São Paulo e Paraná e ele nos diz: “ *A educação católica não propunha a formação do cidadão para a cidade dos homens, mas para a cidade de Deus. A Igreja não instigou contra o Estado. Pelo contrário, ensinou que o católico deve ser ordeiro, respeitador da ordem*”.

No Brasil do século XIX, são dois os projetos educacionais que se estabeleceram: o liberal laico e o católico. A junção das duas concepções bem como a sua negação se deu porque o catolicismo apresentava uma concepção de sociedade conveniente à Oligarquia.

Até meados do século XIX a Sociedade patriarcal brasileira não tinha preocupação com a educação das mulheres. A partir de 1808, com o início do capitalismo, o neocolonialismo no Brasil dá um norte à educação feminina, que tem por objetivo maior fornecer às mulheres o trato sociocultural.

A partir de 1859, o ensino público era considerado desperdício de dinheiro, o que tira do Estado a responsabilidade para a Educação e a transfere para o setor privado. No entanto, já que o sistema escolar se resumia na criação de algumas poucas escolas isoladas nas cidades da Província, funcionando precariamente, sem prédios e sem material, ficava difícil saber onde estudariam as filhas das oligarquias, uma vez que a mistura de classes sociais e a falta de qualidade do corpo docente afastava as classes dominantes das escolas públicas.

Uma herança do colonialismo escravista foi, sem dúvida, o medo do modernismo que pudesse mudar as relações nas famílias. Este fato fez com que a Oligarquia escolhesse o Conservadorismo aliado ao Catolicismo e entregando a ele o mister de educar as meninas.

Dessa forma, a Educação Feminina Católica, inicia-se, no Brasil, por volta de 1850, quando foram introduzidas as reformas no Catolicismo brasileiro, de acordo com a política Ultramontana.

Para educar as filhas da sociedade paulista, chegam ao Brasil, em 1851, as freiras francesas vindas de Chamberry, na Sabóia,

---

<sup>5</sup> MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e Educação Feminina (1859-1919)*. Uma face do Conservadorismo. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996 (Prismas). p. 18.

congregação esta que foi fundada em 1648, em Puy na França pelo jesuíta Jean Pierre Medaille.

Em 1859 foi inaugurada no Brasil, a Casa de Educação de Nossa Senhora do Patrocínio na cidade de Itu, criada pelo bispo de São Paulo e dirigidas pelas irmãs de São José de Chamberry. Foi a primeira escola de Educação Feminina criada pela Igreja no Brasil.

Não é sem razão que a Oligarquia custeava suas filhas nas escolas das irmãs de São José de Chamberry nas cidades de Campinas, Franca, Piracicaba, Jaú, no estado de São Paulo, e, em Curitiba no Estado do Paraná.

A disciplina, nestes colégios, era extremamente rígida e os métodos pedagógicos empregados foram adaptados ao manual pedagógico dos jesuítas, o Ratio Studiorum.

Para a sociedade brasileira, a oligarquia ajudou a Igreja durante 60 anos de atividades das Irmãs de Chamberry sempre reforçada pela educação e trabalho da doutrina católica.

O Colégio Florence de Campinas (1863-1889), fundado pela imigrante alemã Carolina Krug Florence, foi outra congregação que muito contribuiu para a educação feminina no Estado de São Paulo como nos conta RIBEIRO<sup>6</sup>.

*“De origem teuta, esta congregação utilizava um método intuitivo para a melhoria do ensino e estava sempre aberto as novas pedagogias”* .

Com uma história de 25 anos de permanência em Campinas, estado de São Paulo, o colégio é transferido para Jundiaí em 1889 por motivos de saúde pública.

Um elenco de famílias abastadas mantém suas filhas estudando no Colégio Florence, na maioria, fazendeiros, comerciantes, juizes, políticos estão incluídos.

Dionísia Pinto Lisboa ou Nísia Floresta<sup>7</sup> foi a primeira mulher brasileira a publicar e divulgar suas idéias revolucionárias em favor da educação das mulheres no Brasil e na Europa, “num roteiro

---

<sup>6</sup> RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *A educação feminina durante o século XIX: O colégio Florence de Campinas (1863-1889)*. 1997, p.124,125.

<sup>7</sup> FLORESTA, N. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo : Cortez, 1989. p. 124, 125.

intelectual que mostra-a como antecipadora de tempos e idéias como as que a verdadeira liberdade requer igualdade entre homens e mulheres”.

Foi fundado também, no ano de 1938, o colégio Augusto, de iniciativa particular, para ensinar meninas no qual, por um período de 17 anos, foram empregados métodos de ensino sólidos e inovadores na instrução da mulher, em um tempo em que o programa de ensino, na maioria, era no ensino da costura e dos bons modos.

Do estudo sobre a Educação Feminina no Brasil a partir da criação das escolas citadas, podem ser elencados alguns contrapontos: as escolas das irmãs de São José de Chamberry tiveram o apoio da oligarquia e da Igreja com influência jesuítica do *Ratio Studiorum* enquanto que os colégios Florence e Augusto tiveram iniciativa particular de pessoas interessadas na educação e abertos às novidades pedagógicas.

Todos esses colégios se destinavam às filhas de pessoas abastadas que se afastavam do ensino precário das escolas públicas.

Os colégios das Irmãs de São José de Chamberry e o Florence instalaram-se no estado de São Paulo e colaboraram com a educação feminina, sofrendo a influência maior da Igreja Católica.

A questão da mulher é um problema extremamente atual no Brasil e revela atitudes simplistas e autoritárias e resiste a uma aceitação mais plural como ponto importantíssimo na consolidação das idéias de nacionalidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FLORESTA, N. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo : Cortez, 1989.
- LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. 1891 apud MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina (1859-1919). Uma face do Conservadorismo*. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. (Prismas).
- MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina (1859-1919). Uma face do conservadorismo*. São Paulo : Editora da Universidade

- Estadual Paulista, 1996. (Prismas).
- PIO XI. *Quadragesimo Anno*. 1931 apud MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina (1859-1919). Uma face do Conservadorismo*. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. (Prismas).
- RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *A educação feminina durante o século XIX: O Colégio Florence de Campinas 1863-1889*. Campinas : UNICAMP, 1996.
- RODRIGUES, L. M. P. *A instrução feminina em São Paulo: subsídios para a sua história até a Proclamação da República*. São Paulo : Sedes Sapientae, 1962.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis : Vozes, 1976.
- TAUNAY, Affonso de E. *História da Villa de São Paulo, no século XVIII*. São Paulo : s/e, 1931.

